

Jan C. C. Rupp

## **As classes populares em um espaço social em duas dimensões**

---

*Dmitri Cerboncini Fernandes\**

“Les classes populaires dans un espace social à deux dimensions”, publicado na revista *Actes de la Recherche en Science Sociales*, n. 109, 09/1995, pp. 93-98.

Na maioria das teorias sobre o mundo social, o espaço social é tomado enquanto um espaço unidimensional, estruturado em classes e em relações entre as classes apenas pela dimensão econômica. Isto ocorre tanto nas teorias de estratificação e de mercado como nas teorias marxistas ou neo-marxistas, ainda que elas difiram profundamente em suas análises das classes e das relações entre as classes.

Em *La Reproduction* (1970), Bourdieu e Passeron, seguindo a distinção proposta por Max Weber entre classe sócio-econômica, status e poder<sup>1</sup>, introduziram a distinção fundamental entre capital econômico e capital cultural. Era uma ruptura decisiva com o culturalismo e o economicismo que haviam até então dominado a teoria social. O campo da cultura, o das artes e das ciências, não deve mais ser concebido enquanto um epifenômeno da esfera econômica, nem como o domínio liberto de toda forma de interesse ou de poder onde evoluiriam indivíduos carismáticos, mas como uma arena *sui generis* com suas próprias formas de poder, sua própria lógica social e seu próprio mercado de bens simbólicos. O espaço social seria assim um espaço em duas dimensões.

Tal como é apresentado em *La Distinction* (1979), o espaço social é estruturado pelo volume global do capital econômico e cultural e pela estrutura deste capital que determina, no seio das classes dominantes e médias, uma fração culturalmente dominante e uma fração economicamente dominante.

Nesta análise, as classes populares figuram como pouco diferenciadas, até mesmo homogêneas; é a consequência da definição das duas dimensões do espaço social em termos de *capital* e o resultado lógico da utilização de instrumentos de observação exclusivamente orientados para a “alta” cultura, a legítima. Por consequência, a posição das

---

\* Doutorando em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

<sup>1</sup> Cf. Brubaker (1985).

classes populares no espaço social, suas condições de vida objetivas são definidas por aquilo que elas não possuem. Seu habitus é definido negativamente pela interiorização daquilo que elas não possuem e seus estilos de vida são a negação do estilo de vida das classes dominantes; sua cultura corre o risco de figurar enquanto indiferenciada, homogênea<sup>2</sup>.

Neste sentido, gostaríamos de explorar, de modo teórico e empírico, a possibilidade de que as classes populares também sejam o lugar de um processo de diferenciação entre uma fração culturalmente dominante e uma fração economicamente dominante. Para este fim, propomos substituir a noção específica de volume de *capital* pela noção mais geral de volume de *investimento* econômico e cultural e analisar a estrutura de investimento em função da predominância do investimento cultural ou econômico<sup>3</sup>.

## CAPITAL E VALOR

Aqueles que detêm o poder cultural são os que decidem quais são, no mercado de bens culturais, os bens culturais legítimos e os que não o são. As expressões da arte popular não têm valor na medida em que elas não sejam transformadas em arte legítima através de sua introdução em um contexto artístico legítimo; do mesmo modo, os detentores do poder econômico são aqueles que determinam quais são os bons investimentos econômicos e quais não o são. O debate sobre os critérios que permitem distinguir a arte legítima das outras formas de expressão<sup>4</sup>, os bons e os maus investimentos econômicos, está aberto. Mas a partir do momento em que as distinções estejam realizadas, elas passam a possuir um poder organizador.

Os produtos da arte “inferior” (*low art*) não têm valor simbólico enquanto capital, mas isto não significa que esta arte não tenha valor cultural para as classes populares, em particular para a fração culturalmente dominante. O poder cultural frequentemente toma a forma de exclusão<sup>5</sup> e violência simbólica quando os mecanismos de exclusão revelam-se ineficazes; por exemplo, quando as crianças da classe operária tentam entrar nas instituições reservadas à elite cultural: Bourdieu e Passeron sublinham em *La Reproduction* como aqueles que se esforçam para se elevar na escala social são, nos colégios, obrigados a assimilar os valores e as preferências da cultura legítima, até mesmo em suas maneiras de falar, e de abjurar as suas preferências e os seus gostos iniciais.

---

<sup>2</sup> Cf. Thompson (1968); Lukács (1971); Horkheimer e Adorno (1972); Clark et al. (1979); Ganzeboom (1988); Featherstone (1990); De Witte (1990); Gartman (1991); Mukerji e Schudson (1991); para uma opinião diferente ver Williams (1958). Historiadores da cultura, como Bakhtin (1968) e Burke (1978) não fazem outra distinção na cultura popular a não ser a de origem nacional.

<sup>3</sup> Indicações sobre as diferenciações no seio das classes populares podem ser encontradas em *Un Art Moyen* (BOURDIEU, 1965) e nos trabalhos de Bourdieu sobre educação.

<sup>4</sup> Cf. Peterson (1983); Gans (1985); Di Maggio (1987); Zolberg (1990).

<sup>5</sup> Cf. Lamont e Lareau (1988); Rupp e de Lange (1989).

*Mutatis mutandis*, acontece a mesma coisa com os bens e com os investimentos econômicos das classes populares: eles não têm valor econômico em termos de capital, mas podem ter um valor econômico para a fração economicamente dominante da classe operária.

A questão fundamental é a de saber quais formas de arte “inferior” podem ter um valor simbólico para a fração culturalmente dominante e quais formas de investimentos econômicos podem ter um valor econômico para a outra fração. Não é muito difícil encontrar diferenças de estilo de vida no seio da classe operária, mas, para o nosso propósito, tais diferenças não devem ser significativas apenas no nível estatístico, mas também no plano estrutural: elas não devem apenas gerar distinções entre as classes populares e as outras classes, mas também entre as frações das classes populares. As diferenças no estilo de vida devem ser o produto das diferenças de habitus, estando elas mesmas estruturadas segundo as diferentes posições no espaço social; elas devem ser também bastante importantes para a determinação de quais pais das classes operárias devem ser pesquisados no mercado escolar, bem como das escolas que permitirão, minimamente, a reprodução de suas disposições.

Para desenvolver sua teoria de um espaço social em duas dimensões, Bourdieu foi levado a analisar os investimentos das classes dominantes na educação. Ele estudou as instituições de ensino destinadas à reprodução das diversas elites econômicas e culturais. Ele descobriu que não apenas os sucessos escolares, as estratégias matrimoniais etc., dependiam largamente do capital econômico e cultural familiar, mas também que as diversas frações das classes dominantes na França tinham institucionalizado diferentes percursos no seio do sistema de educação<sup>6</sup>. Muitos estudos mostraram que existem diversas variáveis deste mecanismo dependendo do país<sup>7</sup>.

É possível sustentar que encontramos uma outra variável no interior da classe popular e nas frações de classe que a estruturam, e que isso só é possível na condição de definirmos as dimensões fundamentais do espaço social não em termos de capital, mas em termos de orientação e de investimentos econômicos e culturais. É a incorporação do volume, da composição e da antiguidade dos investimentos culturais e econômicos – e não do capital – que constitui a disposição própria à determinada fração de uma classe social.

---

<sup>6</sup> Kalmijn e Betenburg (1986) mostraram que, no mercado de ensino secundário destinado às elites holandesas, encontram-se escolas economicamente dominantes e escolas culturalmente dominantes que atraem, cada uma, seu próprio público. RUPP et al. (1990) mostraram que acontece a mesma coisa no mercado de ensino elementar.

<sup>7</sup> Cf. por exemplo Beekenkamp e Dronkers (1984).

## EXPLORAÇÃO EMPÍRICA

No velho bairro popular da cidade holandesa mediana em que a pesquisa foi realizada<sup>8</sup>, pedimos às autoridades pedagógicas locais para nos indicarem duas escolas elementares que contivessem cada uma delas uma alta porcentagem de crianças provenientes das classes populares, escolas às quais pudéssemos designar uma nítida orientação, seja cultural ou econômica.

Por orientação econômica entendemos aqui uma atitude pragmática, a busca do sucesso, a preferência pelas matérias cognitivas e por um ensino clássico. A orientação cultural implica a atenção sobre a criança, sobre seu desenvolvimento sócio-emocional, a afirmação de si, a independência e a criatividade, o desenvolvimento da competência social, o senso crítico, a arte e a cultura.

As escolas holandesas são conhecidas por terem um programa geral de curso (*curriculum plan*) que fornece as grandes linhas da filosofia educacional própria à escola. A análise de conteúdo destes programas tanto quanto as entrevistas suplementares confirmaram a escolha que as autoridades pedagógicas tinham feito.

Seria necessário perguntarmos em seguida se a escola culturalmente dominante era bem freqüentada pelas crianças provindas dos meios culturalmente dominantes e a escola economicamente dominante pelas crianças provindas dos meios economicamente dominantes. A pesquisa foi levada a cabo por meio de entrevistas junto aos pais, a partir de um questionário-padrão sobre temas tais como a filosofia pedagógica da escola, os projetos para o futuro das crianças, a atividade cultural, a posse de bens econômicos, os lazeres, a apresentação de si e outros elementos do estilo de vida, tais como as refeições, as festas e a mobília. Os casais entrevistados não diferiam em relação à idade, ao número de filhos, ao estado civil, ao nível de renda e ao nível escolar. Eram pais tipicamente da classe operária, com um pequeno diploma técnico ou uma escolaridade abreviada. As diferenças possíveis na posição no interior do espaço social, as disposições e o estilo de vida não poderiam portanto ser imputadas a tais variáveis.

Para testar a validade da seleção feita pelas autoridades pedagógicas e de nossa própria análise do projeto pedagógico de cada escola, perguntamos aos pais se a escola dava muita ou pouca atenção a diversos objetivos que podemos considerar como indicadores - culturais ou econômicos - de uma certa filosofia educacional. Por um lado, a preocupação do desenvolvimento emocional, da criatividade: o aprendizado da cooperação, do julgamento crítico, da responsabilidade; por outro, a preocupação do aprendizado das boas maneiras e a polidez, o gosto pelo sucesso. Os pais da escola que as autoridades designavam como culturalmente orientada julgavam de fato sua filosofia pedagógica como culturalmente orientada ( $t = -5,26$ ,  $gl = 42$ ,  $p = .000$ ) enquanto que os pais da outra escola julgavam-na como economicamente orientada ( $t = 6,43$ ,  $gl = 44$ ,  $p = .000$ ).

---

<sup>8</sup> Cf. Haarmans (1991).

## A CULTURA POPULAR, O INVESTIMENTO ECONÔMICO E O ESTILO DE VIDA

Como determinar em qual medida os próprios pais eram orientados, em um caso, mais para os valores culturais, e em outro, mais para os valores econômicos? A orientação cultural traduz-se pela participação em diversas formas de arte “inferior”, a orientação econômica pela aquisição de bens econômicos. A antiguidade dessas orientações foi igualmente perseguida pelo estudo da profissão dos avós. A junção dessas variáveis determina as diferenças significativas nos investimentos operados pelas classes populares, que se traduzem pelas diferenças nos *habitus*, que, em contrapartida, engendram diferenças nos estilos de vida. A hipótese era a de que os trabalhadores economicamente orientados tenderiam a exprimir, a partir de seus modos de vida, que eles tinham a oferecer, financeiramente, alguma coisa (nos limites de seus modestos orçamentos), uma espécie de operário “esnobe”; os trabalhadores culturalmente orientados privilegiariam, pelo contrário, o gosto pelas formas de arte simples e por um estilo de vida natural, simples e são.

Uma escala da participação na arte “inferior” foi construída a partir dos seguintes dados: tocar um instrumento musical, ter lido um livro no mês precedente, ter visto programas culturais na televisão, ter entrado em uma sala de vendas (Alfa de Chronbach<sup>9</sup> = .58)<sup>10</sup>. Os pais da escola culturalmente orientada parecem investir freqüentemente nas formas de arte “inferior” ( $t = -2,42$ ,  $gl = 44$ ,  $p = .020$ ). Aliás, eles lêem mais romances “modernos” ou regionalistas, enquanto os outros lêem sobretudo romances sobre o mundo médico (*medical novels*) ( $t = -2,21$ ,  $gl = 176$ ,  $p = .041$ ). Os romances “médicos” são narrativas fantasiosas e sentimentais cujos protagonistas são médicos e enfermeiras, livros que são encontrados em supermercados ao lado de pacotes de chicletes.

Vivendo no mesmo tipo de casas, dispondo de salários modestos equivalentes, que não os permite a aquisição de um carro novo, os trabalhadores economicamente orientados não podem se distinguir a não ser pela aquisição de um carro usado menos antigo. A placa do carro, indicando precisamente a idade dele, é a marca principal do status econômico. Suas disposições “econômicas” se exprimem particularmente bem pelo seu conhecimento dos meios legais ou outros de adquirir este carro “quase novo” pelo menor preço. Eles empregam tesouros de engenhosidade para conseguirem alguma coisa com quase nada<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> O teste Alfa de Chronbach é um teste de confiabilidade de escala fundado na avaliação da “coerência interna” entre itens supostamente pertencentes à mesma dimensão social. Os itens escolhidos para a construção (aditiva) da escala devem ser correlacionados positivamente uns com os outros (de uma certa forma, eles medem a mesma coisa). Os cálculos são fundados sobre as correlações entre os itens e as correlações médias (dados numéricos ou ordinais). A correlação média de um item com todos os outros nos dá a idéia de sua coerência com os demais indicadores escolhidos.

<sup>10</sup> Entre os instrumentos de música citados, incluiremos a guitarra, o acordeon, a flauta, o trompete e a voz. Entre os programas de televisão, as preferências vão das visitas a museus ecológicos, nos quais as velhas aldeias são reconstruídas, e os antigos trabalhos artesanais que voltaram à moda.

<sup>11</sup> Quanto à antiguidade das orientações familiares, a análise das profissões demonstrou que se a profissão dos pais e das mães não apresenta diferença, a dos avós é significativa ( $t = -2,05$ ,  $gl = 44$ ,  $p = 0,23$  e  $t = -1,75$ ,  $gl = 44$ ,  $p = .44$ , respectivamente).

## HABITUS E ESTILO DE VIDA

Parece que as diferenças no investimento escolar e nos habitus se refletem nos estilos de vida e nas aspirações. É evidente que se construirmos (Alfa de Chronbach = .640) uma escala dos projetos sobre o futuro das crianças, de temas como “ter um bom emprego”, “ganhar um bom salário”, priorizaremos de forma significativa as crianças economicamente orientadas ( $t = .4,81$ ,  $gl = 44$ ,  $p = .000$ ). Os lazeres, as férias, não são encarados da mesma forma. Os culturalmente orientados preferem o acampamento ou o trailer, os economicamente orientados o hotel ou a temporada de aluguel. Do mesmo modo, do lado da cultura, os pais dão preferência ao ciclismo e à caminhada, os outros aos esportes de natureza competitiva. A apresentação de si, sobretudo em se tratando das mulheres, é um outro bom indicador. As mulheres, na fração economicamente orientada, dão mais importância à exibição de roupas vistosas e caras, em detrimento do jeans. Isso faz parte da ostentação do popular “chique”.

Por fim estudamos a mobília e a decoração interior. Esperávamos que os pais culturalmente orientados demonstrassem seus gostos por meio de uma ambientação “natural”. A variável “mobília” foi construída a partir de itens tais como “presença de um teto com vigas aparentes”, “tijolo à mostra nos muros” (Alfa de Chronbach = .49). Este gênero de preferência se encontra mais freqüentemente na fração culturalmente dominante.

## AS CLASSES POPULARES: UM ESPAÇO EM DUAS DIMENSÕES

As análises do quadro 1 mostram que diferenças significativas existem entre os pais das duas escolas. Eles diferem em suas orientações fundamentais: ou eles investem na participação de diferentes formas de arte “inferior” ou eles investem em bens econômicos, e esta diferenciação se encontra em seus estilos de vida e, particularmente, na escolha da escola para os seus filhos. A análise fatorial demonstra que todas essas variáveis podem ser referidas a duas dimensões teóricas do espaço social: a dimensão econômica e a dimensão cultural.

### Quadro 1: Quadro das variáveis testadas

		Alfa de Cr	T-teste a classe popular cultural/econômica (valor p.)
1.	participação cultural	.54	.020
2.	propriedades econômicas		.050
3.	antiguidade		.023/.044
4.	projeto pedagógico econômico	.67	.000
5.	projeto pedagógico cultural	.60	.000
6.	futuro econômico dos filhos	.64	.000
7.	férias		.051
8.	lazer:		
	a. circuitos/ciclismo		.004
	b. esportes de competição		.009
9.	apresentação da esposa	.51	.000
10.	mobília	.49	.023

**Quadro 2: Peso fatorial das variáveis  
dos dois eixos do espaço social**

		fator 1 dimensão econômica	fator 2 dimensão cultural
1.	participação cultural	-.120	.896
2.	propriedades econômicas	.501	-.325
3.	projeto pedagógico econômico	-.346	.506
4.	projeto pedagógico cultural	.830	-.095
5.	futuro econômico dos filhos	.683	-.276
6.	férias	-.286	.560
7.	lazer:		
	a. circuitos/ciclismo	-.100	.120
	b. esportes de competição	.439	.243
8.	apresentação da esposa	.649	-.135
9.	mobília	.149	.254

## CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho era saber se é possível encontrarmos um espaço social em duas dimensões nas classes populares como nas classes dominantes e médias. A resposta é sim. A diferenciação que encontramos no sistema escolar elementar remete a uma diferenciação, no interior das classes populares, entre uma fração de classe culturalmente dominante e uma fração de classe economicamente dominante. Esta diferenciação não pode ser interpretada como o resultado de um “emburguesamento”; a participação na arte não é uma participação na arte “legítima”, mas uma participação nas formas inferiores de arte; os bens econômicos pesquisados não têm valor enquanto capital econômico. E não podemos mais imputar este fenômeno a um acréscimo geral de importância conferido ao domínio da cultura<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Diferenças similares entre as frações da classe operária foram encontradas no fim dos anos 1960 (RUPP, 1969).

Os resultados que se opõem apenas aparentemente às análises de Bourdieu em *La Distinction* podem ainda ser interpretados no contexto maior da teoria social de Bourdieu. No quadro geral dos estilos de vida no espaço social apresentado em *La Distinction*, as classes populares são somente um ponto zero virtual. É a consequência lógica da maneira pela qual a posição no espaço social é definida, i.e., como constituída pelo volume, pela composição e pela antiguidade do *capital* e não, o que parece preferível, pelo volume, pela composição e pela antiguidade dos investimentos e das disposições – econômicas ou culturais.

Neste sentido, o trabalho apresentado nesse artigo pode ser considerado uma contribuição complementar a *La Distinction*.

A distinção que é realizada entre os estilos de vida lembra as descrições que faz a história social, tais como as de Harmsen e de Michielse<sup>13</sup> na ocasião de seus estudos sobre o movimento de jovens na Holanda. Segundo Harmsen<sup>14</sup>, se o movimento dos jovens “não produziu nenhum trabalho cultural criativo”, a A.J.C. (o movimento socialista da juventude) deixou, entretanto, sua marca no mundo cultural em geral, inclusive no modo de vida. No domínio artístico, o simbolismo e o *Jugendstil*, como o NIVON (clube dos amigos da natureza), são importantes. Encontramos, na história do sindicalismo, a manifestação das duas frações da classe operária. Os estivadores aparecem como a fração mais orientada para a economia, os operários das gráficas como a fração mais orientada para a cultura.

A preferência por um modo de vida simples, o gosto pelo retorno à natureza, a valorização de uma certa sabedoria que recusa a importância aos aspectos materiais da existência definem a postura da fração das classes populares culturalmente dominantes. Isso remete às análises de Bourdieu sobre o modo de vida ascética das classes médias. Os termos que ele emprega para descrever esse modo de vida, esse habitus, podem, sob uma forma diferente, servir à descrição do habitus da fração cultural das classes populares. Poderia existir aí uma estreita correspondência entre as frações “culturais” das diferentes classes sociais.

Por outro lado, o estilo de vida economicamente dominante tende a manifestar o estabelecido, o fazer-valer, a exibição do popular “chique”. E nisso, a correspondência com o estilo de vida da elite econômica burguesa é surpreendente.

As diferenças *entre* os grupos culturalmente dominantes e economicamente dominantes das classes sociais poderiam ser menores do que as diferenças entre os grupos economicamente dominantes e culturalmente dominantes no *interior* de cada classe social. Em um espaço social em duas dimensões as divisões no seio de cada classe são tão importantes quanto as divisões entre as classes. O capital é a forma específica de investimento econômico e cultural efetuado pelas classes dominantes.

---

<sup>13</sup> Cf. Harmsen (1961) e De Michielse (1980).

<sup>14</sup> Op. Cit., p.36.

## BIBLIOGRAFIA

- Bakhtin, M.M. *Rabelais and His World*, Cambridge: MIT Press, 1968.
- Beekenkamp, G.G.; Dronkers, J. "De plaats van het onderwijs in de recruitering van president-directeuren". In: *Nederlandse elites in beeld. Recruitering, samenhang en verandering*, J. Dronkers; Stokman, F.N. (eds), Deventer, 1984, pp. 85-100.
- Bourdieu, P. *La Distinction. Critique sociale du jugement*, Paris: Éd. de Minuit, 1979.
- Bourdieu, P.; Boltanski, L.; Castel, R.; Chamboredon, J. C. *Un art moyen*. Paris: Éd. de Minuit, 1965.
- Bourdieu, P.; Passeron, J. C. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*, Paris: Éd. de Minuit, 1970.
- Bourdieu, P.; Wacquant, L.J.D. *Réponses*. Paris: Éd. du Seuil, 1992.
- Brubaker, R. "Rethinking classical theory. The sociological vision of Pierre Bourdieu", *Theory and Society*, 1985, pp. 745-775.
- Burke, P. *Popular Culture in Early Modern Europe*. Londres: Temple Smith, 1978.
- Clarke, J.; Critzer, C.; Johnson, R. (eds.). *Working Class Culture. Studies in History and Theory*. Londres: Hutchinson, 1979.
- Di Maggio, P.J. "Cultural Entrepreneurship in Nineteenth Century Boston. The Creation of an Organizational Base for High Culture in America", *Media, Culture and Society*, 4, 1982, pp.33-50.
- \_\_\_\_\_. "Classification in Art". *American Sociological Review*, 52, 1987, pp.440-455.
- Featherstone, J.M. *The Paradox of Culture and the Globalization of Diversity*. Utrecht: ISOR, 1990.
- Gans, H.J. "American Popular Culture and High Culture in a Changing Class Structure". *Prospects*, 10, 1985, pp.17-37.
- Ganzeboom, H. *Leefstijlen in Nederland*. Rijswijk: Sociaal Cultureel Planbureau, 1988.
- Gartman, D. "Culture as Class Symbolization or Mass Reification? A Critique of Bourdieu's *Distinction*". *American Journal of Sociology*, 97, 1991, pp. 421-447.
- Haarmans, L. *School-keuze, een kwestie van smaak*. Een onderzoek naar cultureel versus economisch gerichte arbeidersscholen en hun publiek. Vakgroep ETS: Universiteit Utrecht, 1991.
- Harmen, G. *Blauwe en rode jeugd*. Assen: Van Gorcum, 1961.
- Horkheimer, M.; Adorno, T. *Dialectic of Enlightenment*. New York: Herder and Herder, 1972.
- Kalmijn, M.; Batenburg, R. "Reproductie van cultureel en economisch kapitaal op een traditioneel en een Montessori-lyceum". *Tijdschrift voor Onderwijsresearch*, 11, 1986, pp.149-163.
- Lamon, M., et Lareau, A. "Cultural Capital: Allusions, Gaps and Glissandos in Recent Theoretical Developments". *Sociological Theory*, 6, 2, 1988, pp. 153-168.
- Lukacs, G. *History and Class Consciousness*. Londres: Merlin Press, 1923.
- Michielse, H.C.M. *Socialistische vorming*. Nijmegen: SUN, 1980.

- Mukerji, C.; Schudson, M. (eds.). "Rethinking Popular Culture. Contemporary Perspectives". In Cultural Studies". Berkeley: University of California Press, 1991.
- Peterson, R.A. "Patterns of Cultural Choice: A Prolegomenon". *American Behavioral Scientist*, 26, n 4, 1983, pp.422-438.
- Rupp, J.C.C. *Opvoeding tot Schoolweerbaarheid*. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1969.
- Rupp, J.C.C.; de Lange, R. "Social order, cultural capital and citizenship". *The Sociological Review*, 37, 1989, pp.658-705.
- Rupp, J.C.C.; Walet, M.; Van Wolput, B. 1990. "Cultureel versus economisch georiënteerde basisscholen en hun publiek". *Sociologische Gids*, 37, 1990, pp.333-350.
- Thompson, E.P. *The Making of the English Working Class*. Harmondsworth: Penguin, 1969.
- Williams, R. *Culture and Society, 1780-1950*. Hammondsworth: Penguin, 1958.
- Witte, H. de. *Conformisme, radicalisme en machteloosheid*. Louvain: Hoger Instituut voor de Arbeid, 1990.
- Zolberg, V. *Constructing a Sociology of the Arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Recebido em 30 de julho de 2007  
Aprovado para publicação em 11 de fevereiro de 2008